

são esquecidos por todos (vv. 20a.b.c). As violências sofridas por eles são apagadas (v. 20d). O fim impõe-se a eles com rapidez (v. 18a) e certeza (v. 19). A questão envolve Deus. Também Ele é apresentado de forma anônima. Através de imagens tradicionais, lembra-se o forte Protetor dos fracos (vv. 21-22). No entanto, Jó realça como justamente os pobres injustiçados experimentam Deus como Juiz temido (vv. 22b-23). Eles são levados a sentir a ausência de Deus sofrendo um fim de vida antecipado (v. 24)⁵⁴.

O autor do livro de Jó consegue colocar em palavras poéticas toda a dramaticidade da vida do homem. Contrastes absurdos marcam a realidade, como quando os pobres injustiçados levam o fim que os vio-

lentos mereceriam. O poeta, criando o personagem de Jó, decidiu colocar em dúvida a opinião popular, segundo a qual Deus ouve sempre o justo⁵⁵, e desafia criticamente o Deus do êxodo que salvou os oprimidos das mãos dos opressores. Assim, a realidade descrita em Jó 24 torna-se uma grande prece para que Deus se revele novamente como Protetor dos fracos⁵⁶.

Matthias Grenzer é Doutor em Teologia Bíblica e Prof. de Antigo Testamento no curso de pós-graduação da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e no Instituto de Filosofia e Teologia Paulo VI em Mogi das Cruzes. Endereço: Caixa Postal 400 CEP 08701-970 Mogi das Cruzes - SP

⁵⁴ Nessa perspectiva, os vv. 18-24 são uma contribuição essencial ao discurso de Jó. Fazem parte da lógica interna, dando continuidade à argumentação. Isso me leva a defender a tese da homogeneidade literária de Jó 24. O estudo dos pormenores da forma e do conteúdo mostra que se trata de um poema artisticamente formulado.

⁵⁵ Veja a fala dos interlocutores de Jó (confira Jó 22,27).

⁵⁶ Este estudo, como os estudos mencionados nas primeiras duas notas no rodapé, apresentam resultados da minha tese doutoral (*Hört Gott nicht den Schrei der Armen? Exegetische Untersuchungen zu Ijob 24*), defendida em Janeiro de 1995 na Faculdade de Filosofia e Teologia de St. Georgen em Frankfurt am Main/Alemanha. Agradeço ao meu orientador de tese, Prof. Dr. Hans-Winfried Jüngling, e ao segundo leitor, Prof. Dr. Norbert Lohfink. Dedico este artigo ao Pe. Thomas Pabst.

A PERSPECTIVA ECLESIOLOGICA DO VATICANO II, PERFIL DA IGREJA DO TERCEIRO MILÊNIO

Pe. Dr. Benedicto Bení dos Santos

Diversos estudos tem procurado definir o perfil da Igreja do terceiro milênio. De minha parte, creio que este perfil já foi definido pelo Concílio Ecumênico Vaticano II. Celebrado na Segunda metade do século XX, teologicamente e, em parte, até pastoralmente, o Vaticano II introduziu a Igreja no terceiro milênio. Na Carta Apostólica *Tertio Millenio Adveniente*, o Papa João Paulo II falou do Concílio Ecumênico Vaticano II como "*acontecimento providencial, através do qual a Igreja iniciou a preparação próxima para o jubileu do segundo milênio*"¹. Por isso, continua o Papa, o empenho na aplicação fiel de seus ensinamentos é "*a melhor preparação para a passagem bimilenária*"².

A finalidade do presente estudo é apenas recordar a *perspectiva eclesiológica* do Vaticano II e sua contextualização na América Latina pela assembléia de Medellín, em 1968. A Igreja que, cronologicamente, está para ingressar no terceiro milênio de sua existência teve o seu perfil defi-

nido por um concílio que, de certo modo, resume a compreensão que ela, a partir do período apostólico, teve a si mesma, de sua missão e de sua presença no mundo.

O conteúdo da palavra *igreja* está ligado a dois vocábulos gregos: *eklesia* e *kyriaché*. A Igreja, enquanto *eklesia*, é a assembléia daqueles que foram chamados, convocados por Deus. A Igreja existe não porque algumas pessoas se reúnem e decidem fundá-la. Ela é fruto da fé, que é dom de Deus. É próprio da fé reunir, congregar. Enquanto *kyriaché*, a Igreja é o reino do Senhor. A comunidade onde o Ressuscitado está presente, exercendo o seu papel salvífico. Esta noção da Igreja está presente no Novo Testamento e nos textos do Vaticano II.

O Concílio Ecumênico Vaticano II foi, antes de tudo, um concílio eclesiológico. Nele, a Igreja procurou responder a três perguntas: *quem sou eu? Qual o meu lugar no mundo? Qual a minha missão?* Pela primeira vez na história, um concílio apresentou uma doutrina completa sobre a

¹ *Tertio Millenio Adveniente*. São Paulo: Loyola, 1994, 18

² *Ibid.*, 20

Igreja. Ainda mais, o Vaticano II apresentou uma concepção original da Igreja. Não uma Igreja voltada para si mesma e em função unicamente de seus membros, mas uma *Igreja em relação*. Em relação com a Trindade. Em relação com o mundo. Em relação com a missão. Em relação com as outras igrejas cristãs e com as religiões.

Em primeiro lugar, em relação com a *Trindade*. Segundo o ensinamento da *Lumem Gentium* (constituição dogmática que expõe a doutrina sobre a Igreja), ela existe em vista do projeto de Deus, que criou a humanidade para a comunhão com Ele. Neste sentido, o Concílio, usando expressões de alguns Padres da Igreja, se refere a uma Igreja que vem desde o justo Abel, desde Adão, portanto, uma Igreja que esteve em processo de gestação desde a criação do mundo. A tese do Concílio é a seguinte: "*desde a origem do mundo a Igreja foi prefigurada. Foi admiravelmente preparada na história do povo de Israel e na Antiga Aliança. Foi fundada nos últimos tempos. Foi manifestada pela efusão do Espírito Santo. E no fim dos tempos será gloriosamente consumada quando, segundo se lê nos Santos Padres, todos os juntos desde Adão, do*

justo Abel até o último eleito, serão congregados junto ao Pai na Igreja Universal"³.

A Igreja foi *prefigurada* desde a criação do mundo. O Antigo Testamento se refere às alianças de Deus com o justo Abel, com Noé. Foram alianças universais, celebradas não com um determinado povo, mas com representantes da humanidade. Destas alianças nasceram verdadeiras comunidades de Deus com os seres humanos, voltadas para a oração do Criador e para a busca da salvação. Estas experiências, bem como outras experiências religiosas da humanidade, foram prefigurações da Igreja. Embora a Igreja possua uma novidade com a elas, algo dessas experiências, como, por exemplo, o culto e a adoração, passaram para a Igreja de Jesus Cristo.

A Igreja foi *preparada* na história do povo de Israel e na Antiga Aliança. Segundo São Paulo⁴, a Igreja é a herdeira das promessas que Deus fez a Abraão. Pois a descendência de Abraão não foi segundo a carne, mas segundo a fé. Do antigo Israel a Igreja recebeu as Escrituras do Antigo Testamento. Mesmo o Novo Testamento originou-se, de certo modo, a partir de uma leitura cristológica das Escrituras, pois Cristo é a realização das promessas contidas no Antigo

Testamento. A experiência religiosa do templo, da sinagoga, da família, passou também, em certo sentido, para a Igreja de Jesus Cristo.

A Igreja foi *fundada* nos últimos tempos, ou seja, no tempo do Jesus terreno e do Cristo Pascal. A *Lumem Gentium* não fala de um ato único de fundação da Igreja por Cristo, mas de *atos fundantes*. Ato fundante da Igreja foi, por exemplo, a convocação dos Doze que, após a Páscoa, foram denominados *Apóstolos*. Israel era o povo formado por doze tribos. Ao chamar os Doze, Jesus demonstrou a intenção de fundar o novo Israel, o Israel escatológico anunciado pelos profetas. Como observa G. Danieli: "Já com o gesto de escolher os Doze, ele se declara o Messias de Israel, juntando-se aos antigos patriarcas que haviam sido sua origem. Ao mesmo tempo, pede a todo homem de seu povo para segui-lo, passando do antigo ao novo Israel"⁵. Ato fundante da Igreja foi a instituição da Eucaristia. Na versão de Lucas⁶, logo depois que Cristo celebrou com os Apóstolos a ceia pascal, ele instituiu uma nova ceia. Nesta, o cordeiro pascal foi substituído pelo seu próprio corpo. O cálice contém agora o sangue da

Nova Aliança. Assim como Israel se tornou Povo de Deus por meio da antiga aliança do Sinai, agora, ao celebrar uma nova aliança, Jesus está fundando um novo povo. Mas, sobretudo, ato fundante da Igreja foi a *experiência pascal*. A Igreja faz parte da novidade que a ressurreição de Jesus produziu na história. Desde que houve um grupo de homens que acreditou na ressurreição de Jesus, existe algo de novo com relação ao antigo Israel. A Igreja é a comunidade onde o Ressuscitado está presente: "... *eis que eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos*"⁷. "A partir deste momento, existe sobre a terra um povo destinado a durar tanto quanto o mundo, porque traz em si o Emmanuel, Deus-conosco"⁸. A Igreja é a comunidade que prolonga a sua missão: "*Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei*"⁹.

A Igreja foi *manifestada* em Pentecostes. Como mostra o livro dos Atos, até o dia de Pentecostes, a comunidade dos discípulos de Jesus

³ LG 2

⁴ Cf. Gl 3,15-19

⁵ Giuseppe DANIELI. *Mateus*, São Paulo, Paulinas, 1983, 75

⁶ Cf. Lc 22, 14-20

⁷ Mt 28,20

⁸ Giuseppe DANIELI, o. c., 50

⁹ Mt 28,18-19

estava parada, fechada dentro de casa, sem iniciativa, sem saber que rumo tomar. Foi a experiência pentecostal que transformou esta comunidade em movimento missionário. Foi, em Pentecostes, que a Igreja foi manifestada ao mundo.

A eclesiologia do Vaticano II nos mostra a Igreja *em relação com o mundo*. O lugar da Igreja não é distante do mundo para se preservar. Não é ao seu lado para concorrer com ele. O lugar da Igreja é dentro do mundo a fim de servi-lo em vista da salvação em Jesus Cristo. Ainda mais, a presença da Igreja no mundo significa que ela é feita de realidades terrestres. As realidades do mundo (suas alegrias e tristezas, suas vitórias e derrotas) perpassam a vida da Igreja. O início da constituição pastoral *Gaudium et Spes* exprime este aspecto do vínculo que liga a Igreja ao mundo: "As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias do homem de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhe ressoe no coração"¹⁰. Por último, o vínculo da Igreja com o mundo se origina do seguinte fato: Deus continua agindo na história. E a Igreja, para poder

cumprir com eficácia a sua missão, precisa interpretar a ação de Deus nos acontecimentos da história. Ela constitui freqüente interpelação para a Igreja. Trata-se da doutrina dos *signais dos tempos* tão querida de João XXIII e que o Concílio expôs com ênfase¹¹.

A Igreja em relação à *missão*. Não se trata apenas do desenvolvimento de atividades missionárias. Isto a Igreja sempre realizou. Trata-se de desenvolver uma evangelização inculturada. Como afirma Paulo VI na carta apostólica *Evangelii Nuntiandi*, uma evangelização que não atinja a história de um povo, seus costumes e hábitos sociais, suas leis, seu projeto de vida, numa palavra sua *cultura*, é uma evangelização superficial. Apenas um verniz.

A eclesiologia do Vaticano II apresenta a Igreja em relação com as outras *igrejas cristãs*. Neste milênio que está cronologicamente para terminar, houve as duas maiores divisões na Igreja. No ano de 1054, a Igreja oriental e ocidental se separaram. No século XVI, aconteceu outra grande divisão provocada pela Reforma. Ora, a Igreja dividida não corresponde ao projeto de Jesus Cristo. Não corresponde à realidade daquela Igreja, una e universal, que foi manifestada ao mundo no dia de Pentecostes. Por isso

mesmo, o ecumenismo não é apenas uma atividade da Igreja. Ele pertence ao seu próprio ser. O ecumenismo não se reduz ao diálogo. É mais do que diálogo. Ele é um movimento de busca da unidade perdida. Parte da unidade básica existente (a profissão da fé trinitária, o patrimônio da Sagrada Escritura, o sacramento do batismo) para chegar à unidade plena querida por Jesus: um só rebanho e um só pastor. Diálogo, comissões ecumênicas de teologia, celebrações ecumênicas e outras atividades, são apenas meios. Este ecumenismo profundo, como observou João Paulo II em sua encíclica *Ut Omnes Unum sint*, supõe a conversão pela ação do Espírito: "Mas isso aplica-se de modo particular ao processo desencadeado pelo Concílio Vaticano II que inclui, no âmbito da renovação, a tarefa ecumênica de unir os cristãos divididos entre si: 'Não existe verdadeiro ecumenismo sem conversão interior'¹². O Concílio apela tanto à conversão pessoal, como à conversão comunitária. O anseio de cada comunidade cristã pela unidade cresce ao ritmo da sua fidelidade ao Evangelho. Ao referir-se às pessoas que vivem a sua vocação cristã, o Concílio fala de conversão interior, de renovação da mente"¹³.

Enfim uma Igreja em relação com *as religiões*. No livro, *Cruzando o limiar da Esperança*, o jornalista Vittorio Messori dirige ao Papa a seguinte questão: se existe um único Deus, como explicar a existência de tantas religiões? O Papa, após se referir à doutrina do Vaticano II sobre o diálogo religioso, afirma textualmente: "... em vez de nos espantarmos com o fato de a Providência permitir uma tão grande variedade de religiões, nós deveríamos antes ficar admirados vendo nelas tantos elementos comuns"¹⁴.

A finalidade do diálogo religioso é levar as religiões a se conhecerem e se respeitarem mutuamente, a descobrirem seus elementos comuns, unirem seus esforços para a construção da paz e da justiça, darem, perante todos os povos, o testemunho do absoluto de Deus, fundamento último da dignidade da pessoa humana.

A eclesiologia do Vaticano II, além de apresentar uma Igreja em relação, propôs também um novo modelo de Igreja: o modelo de *comunhão*.

Modelo é a compreensão da Igreja a partir de uma determinada categoria teológica ou imagem. O modelo procura explorar uma determinada dimensão da Igreja sem negar as outras. A compreensão da Igreja a

¹⁰ GS 6

¹¹ Cf. GS 11,4; PO 9,18; Ap. Act. 14; DH 15

¹² n. 20

¹³ n. 15

¹⁴ JOÃO PAULO II. *Cruzando o limiar da Esperança*. São Paulo: Francisco Alves, 1994, 88

partir do modelo é importante, pois as práticas pastorais da Igreja, sua relação com o mundo, sua espiritualidade, dependem sempre do modelo adotado. O modelo de Igreja comunhão, proposto pela eclesiologia do Vaticano II, é uma síntese de duas imagens da Igreja: *Corpo de Cristo* e *Povo de Deus*.

Paulo foi o primeiro teólogo que procurou apresentar uma compreensão da Igreja a partir da categoria *corpo*. No capítulo doze da primeira carta aos coríntios, ele mostra que a Igreja é uma realidade semelhante ao corpo humano. O corpo não é um amontoado de membros, mas um conjunto articulado. Cada membro desempenha uma atividade em função do bem comum. As pernas não existem por causa delas mesmas, mas para que todo o corpo possa caminhar. Os olhos existem não por causa deles mesmos, mas para que todo o corpo possa ver. Ainda mais, entre os membros do corpo existe uma mútua dependência de tal modo que todos são importantes. As mãos não podem dizer para as pernas: não precisamos de vocês. As pernas não podem dizer para a cabeça: nós não precisamos de você. Entre os membros do corpo vige a comunhão: quando um membro passa bem, essa sanidade repercute em todos os outros membros. Quando um membro passa mal, o sofrimento repercute em todos os membros do corpo. Ora, a Igreja é semelhante ao corpo humano: é um

organismo vivo, pois o Espírito Santo suscita nela, de modo imprevisível, os diversos carismas, que são fundamento de todos os ministérios e serviços.

O corpo humano tem também um coração. Ele bombeia o sangue para todos os membros, a fim de que eles possam agir. Também a Igreja possui um coração. No capítulo treze da primeira carta aos coríntios, o Apóstolo trata do coração da Igreja: *a caridade*. Sem ela, nenhuma atividade salvífica seria possível. Sem ela, não haveria pregadores nem mártires. Sem ela, não existiria verdadeiro amor ao próximo. Sem ela, ministérios e serviços não passariam de atividades burocráticas. Lendo o capítulo treze da primeira carta aos coríntios, Tereza de Lisieux descobriu o seu lugar na Igreja e a sua vocação missionária. "Ao refletir sobre o corpo místico da Igreja, eu não me tinha reconhecido em qualquer um dos membros descrito por São Paulo, melhor, desejava ver-me em todos eles. A *Caridade* deu-me a chave para a minha vocação. Compreendi que se a Igreja tem um corpo formado por diferentes membros, o mais necessário e o mais nobre de todos não lhe faltava, e então compreendi que a *Igreja tem um coração e que este coração ARDE DE AMOR. Entendi que só o Amor* faz os membros da Igreja agir, que se o Amor viesse a faltar, os Apóstolos não anunciariam o Evangelho e os mártires não derramariam o seu sangue. Compreendi que O AMOR

ENCERRA TODAS AS VOCAÇÕES. QUE O AMOR É TUDO. QUE ELE INCLUI TODOS OS TEMPOS E LUGARES ...NUMA PALAVRA, QUE É ETERNO! Então, no excesso de minha alegria delirante, gritei: ó Jesus, meu Amor ...minha *vocação*, finalmente a encontrei ...A MINHA VOCAÇÃO É O AMOR"¹⁵.

Na introdução à carta aos colossenses e aos efésios, Paulo, de modo profundo, trata da *cabeça* da Igreja, que é Cristo. Sem uma ligação pessoal com a Cabeça pela graça, pela fé, esperança e caridade, ninguém pode ser membro vivo da Igreja.

No capítulo décimo da primeira carta aos coríntios, Paulo expõe um ponto importante de sua doutrina: é a *Eucaristia*, sobretudo, que a Igreja se torna o Corpo de Cristo. Para o Apóstolo, comer e beber são atos de comunhão. Quem come a carne oferecida em sacrifício (culto judaico), entra em comunhão com o altar, isto é, com o *Sagrado*. Quem come a carne oferecida aos ídolos, entra em comunhão com os demônios, pois os ídolos são sua obra. Quem participa da Eucaristia, entra em comunhão com o Senhor, torna-se membro do seu corpo. Desta doutrina, Paulo tira conseqüências inclusive de ordem moral.

O modelo de Igreja comunhão integra também a imagem de *Povo de Deus*. Povo é o contrário de massa: simples aglomerado. O conceito de povo implica organização, participação, realização de um projeto. Embora a Igreja seja uma realidade teológica (imagem da Trindade) e não política, o conceito de povo pode, em diversos aspectos, ser aplicado a ela. Trata-se de uma categoria teológica que exprime a igualdade fundamental: um povo todo ele sacerdotal, profético, carismático, missionário, evangelizador. Os ministérios ordenados e não ordenados, os serviços e, até mesmo, a vida consagrada são atividades destinadas à vida do Povo de Deus. Em síntese, o modelo de Igreja comunhão significa que ela é, ao mesmo tempo, comunidade de salvação e sociedade de salvação. Enquanto comunidade de salvação, a Igreja é uma historicização da Comunhão trinitária. Enquanto sociedade da salvação, ela compreende um conjunto de meios destinados a viabilizar a comunidade de salvação.

A eclesiologia do Vaticano II foi assumida e contextualizada na América Latina pela assembléia de *Medellin*. Em *Medellin*, surge, pelo menos como momento simbólico, uma nova experiência eclesial denominada *Igreja dos Pobres*. Como afirmou João XXIII, a Igreja quer ser a Igreja

¹⁵ Manuscritos Autobiográficos: *Oeuvres Complètes-Thérèse de Lisieux*, Paris: Cerf, 1966, 224.

de todos mas, de modo especial, dos pobres. Igreja dos Pobres não designa uma parte da Igreja em relação a totalidade. Não significa simplesmente uma igreja voltada eticamente para os pobres no sentido de assisti-los e promovê-los. Isto a Igreja sempre realizou. Igreja dos Pobres significa que, a partir dos pobres, de sua vida, a Igreja pode ter uma visão profunda da sua origem e natureza, do seu lugar no mundo e de sua missão.

Medellin assumiu, como concretização do modelo de Igreja comunhão, as *comunidades eclesiais de base*. Embora já existissem antes da assembleia de Medellin, as CEBs tiveram, a partir desse evento eclesial, um desenvolvimento muito grande, definindo melhor a sua identidade. Antes de ser um modo concreto de organizar a Igreja sobretudo nos meios pobres, as CEBs designam um conjunto de valores a serem sempre seguidos. Antes de tudo, o ideal comunitário: espaço onde seja possível desenvolver as relações intersubjetivas como proximidade, conhecimento, amizade, fraternidade, luta em comum. Em segundo lugar, para que uma comunidade seja *eclesial*, é necessária a vida de fé, a vida sacramental e orante, a atividade missionária. Sem isso, a comunidade não passará de um movimento popular. Em terceiro lugar, as CEBs chamam a atenção para a dimensão "laical" da Igreja no sentido teológico. Os cristãos leigos, cujo ser eclesial se fundamenta no batismo e

na confirmação e, de modo complementar, no sacramento do matrimônio, são sujeitos e não meros destinatários da atividade da Igreja. Mesmo onde não é possível a presença permanente e direta do bispo e do presbítero, deve haver uma vida eclesial, sobretudo orante e evangelizadora, coordenada pelos ministérios não ordenados.

Em Medellin surge a imagem de uma Igreja *militante*, que procura desenvolver determinadas práticas a fim de que a Boa Nova, que é o anúncio do Evangelho, se torne *boa realidade* sobretudo para os pobres. Surge ainda em Medellin a imagem de uma Igreja *profética*, que procura, a partir do anúncio da Palavra de Deus, fazer uma leitura da realidade para denunciar o pecado e suas conseqüências no plano individual e social e, ao mesmo tempo, indicar o caminho da conversão.

O modelo de Igreja, proposto pela assembleia de Medellin foi, em seguida, desenvolvido por Puebla e Santo Domingo, que tiveram a intenção explícita de continuar a tradição de Medellin.

Concluo esta rápida exposição sobre o modelo de Igreja, implícito na eclesiologia do Vaticano II, com uma observação. Ela se refere à *unidade* da Igreja concebida a partir do modelo de comunhão. Evidentemente esta unidade tem um polo dogmático: "*Há um só corpo e um só espírito, assim como é uma só a esperança da*

vocação com que fostes chamados; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; há um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos"¹⁶. Este polo dogmático está expresso também no Símbolo Apostólico. Mas a unidade da Igreja tem também um polo pastoral, fundamentado nos carismas, que constituem a base de todos os ministérios e serviços. Trata-se de uma unidade própria da ação do Espírito, ou seja, uma unidade articulada com a diversidade. Uma unidade construída

não pela força e ideologia, como acontece com as instituições do mundo. Mas uma unidade construída pela amizade, pelo amor, pela liberdade, pela obediência aos legítimos pastores. Uma unidade que deixa margem para o exercício da criatividade e da consciência pessoal.

Pe. Dr. Benedito Bení dos Santos é vice-diretor para os cursos de pós-graduação da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

¹⁶ Ef 4, 4-6